Projetos de Vida

Ensaios a partir de Gênesis 1–11

Os primeiros capítulos de nossa bíblia transpiram o tema da vida. Querem falar de sua origem. Buscam apresentar seus desdobramentos. Falam dos desígnios, dos percalços e da esperança. Os textos iniciais de Gênesis 1–11 são uma única e longa confissão de fé.

Testemunham que a vida tem seu início junto a Deus. No princípio era Deus, e Deus é vida. E os relatos da criação (Gênesis 1–3) apresentam-nos projetos de vida de Deus para sua criação. Outros textos (Gênesis 4–11) querem falar de como estruturas de pecado se interpõem na criação de Deus e transformam os projetos de vida em vidas projetadas.

Buscarei enfocar alguns momentos deste conjunto de textos. Serão facetas de um todo, iluminadas por nossas perguntas e inquietações. São perguntas sobre temas como a (in)justiça, o pecado, a subjugação de pessoas, a ecologia, a globalização que nos ajudarão a formular as reflexões. São anotações a caminho. Em meio a uma situação de vidas projetadas pelo nosso projeto de modernidade, querem ajudar a trazer à tona a esperança dos e nos projetos de Deus. Nossas vidas projetadas e até determinadas pelo pecado, pela injustiça, destruição ecológica etc. ainda podem abarcar os projetos de Deus.

1. A VIDA DA CRIAÇÃO (Gênesis 1–2)

A criação foi um ato de amor de Deus. Foi um presente de Deus para todos. Na criação do mundo, da terra e de tudo o que nela existe, Deus criou um "oikos", uma casa comum de toda a comunidade da criação. No plano de sua criação em amor, esta casa comum deve ser também um habitat do próprio criador. Por amor, aquele que é infinito deseja morar no finito. O verbo da vida vem morar entre nós.

Na criação original, Deus foi ordenando o caos, colocando ordem nas coisas (Gênesis 1,1-25). Os primeiros capítulos da Bíblia querem expressar, como relatos de fé, os acontecimentos dessa criação. Esses textos não querem ser um "relato histórico". Mas histórias de fé. Pela fé se expressa a confissão de que Deus criou

terra e céus, água e ar, plantas e animais. Confessam que Deus dispôs tudo com ordem e carinho. Céus, terra, águas, plantas e animais. A cada dia, Deus foi completando sua criação. E para cada um dos acontecimentos dos primeiros cinco dias o texto da Bíblia termina dizendo:

"E viu Deus que tudo era bom" (Gênesis 1,11; 1,18; 1,21; 1,25).

É uma frase de admiração, do gozo divino. Aos olhos de Deus, cada um dos elementos da criação tem um valor próprio. Cada elo da comunidade tem um valor intrínseco, ganha uma dignidade própria, que lhe é conferida pelo próprio criador, independente deste elo estar ou não em função do ser humano. Assim, Deus vai formando a sua *comunidade da criação*. É uma comunidade de vida plena.

No sexto dia, após criar os animais domésticos, Deus acrescenta um novo elemento:

"Criou Deus, pois, o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou" (Gênesis 1,27).

Deus cria o ser humano, sua contraparte mais próxima nesta comunidade. Após a atividade criadora desse dia, o texto da Bíblia afirma: "E viu Deus que era *muito bom*" (Gênesis 1,31). Com essa expressão "muito bom" não se nega nem se retira a dignidade e o valor próprios dos outros elementos da criação. Não, com isso a Bíblia quer expressar que com a criação do ser humano foi agregado algo qualitativamente novo e mais profundo a esta criação de Deus. Foi criado um ser racional, que será o responsável pelos outros elos da criação.

Dentro desta comunidade original da criação, Deus dispôs o ser humano com tarefas de mordomo e administrador. É o mordomo que deve zelar pela vida criada. Homem e mulher são dignificados com esta tarefa. Segundo o relato de Gênesis 1,28, ao ser humano foram conferidos poderes e privilégios para "sujeitar e dominar". Isso, contudo, deve acontecer com limites e responsabilidades. O ser humano tem a liberdade de "encher e sujeitar a terra", isto é, dispor de seus recursos para a sua sobrevivência e suas necessidades. Igualmente tem a prerrogativa de exercer "domínio" sobre os animais. Mas esse "domínio" originalmente não inclui o direito de tirar a vida em interesse próprio, como, por exemplo, para tirar a carne para alimento. Pelo desígnio original de Deus, as pessoas deveriam alimentar-se somente de plantas, criadas no terceiro dia (Gênesis 1,19-30).

Em termos de narrativa bíblica, esse desígnio divino original somente é ampliado nos assim chamados "mandamentos noádicos", isto é, nos mandamentos que Deus dá a Noé na nova aliança, após o dilúvio (Gênesis 9,1-19). Ali é aberta a possibilidade de o ser humano lançar mão da vida dos animais, porém com a proibição do comer sangue (veja Gênesis 9,1-4). Esta proibição ainda é mantida em círculos judaicos piedosos e ortodoxos. Na vida projetada por esta modernidade da qual também nós hoje fazemos parte, porém, os animais passaram a ser simples produto da atividade econômica humana (pensemos por exemplo na criação de animais em confinamento absoluto: frangos, suínos, gado – "vaca-louca!").

Pelo projeto de vida de Deus, os seres humanos em geral e os cristãos em particular receberam a incumbência de zelar pela criação continuada de Deus. Receberam a tarefa de cuidar de uma criação que se estende até hoje, incluindo todas as mutações, transformações e evoluções naturais (ver Gênesis 2,15). Nós somos um elo da comunidade da criação. Não podemos viver nem isolados, nem separados, nem acima dos outros elos da criação. Temos responsabilidade pelos outros elos da criação. Através de nosso trabalho criativo e co-criador somos chamados/as a ser co-criadores como o próprio Deus.

A partir deste projeto de vida de Deus para sua criação vale a pena "segurar" algumas (re)descobertas:

– A vida da criação é uma vida em comunidade, de seres humanos com os demais elos da criação e até com o próprio Deus.

– Nesta criação, a vida de cada elo tem um valor próprio, intrínseco, mesmo que não esteja em função direta do ser humano.

– O projeto de vida de Deus para sua criação é um projeto de solidariedade e não de domínio explorador.

2. A VIDA NA CASA (Gênesis 2–3+6–9)

Os relatos das histórias das origens em Gênesis 1–11 querem nos dar orientações sobre como deve organizar-se a vida da casa comum da criação e do próprio Deus. Vamos buscar alguns enfoques de passagens de Gênesis 2–3 e 6–9.

De acordo com Gênesis 2,15, a tarefa responsável do ser humano na casa é a de "guardar e cultivar".

"Tomou, pois, o Senhor Deus o homem e o colocou no jardim do Éden, para o cultivar e o guardar".

Isto é uma tarefa de mordomia. Não a "mordomia" de tirar somente vantagens. Não, essa atribuição consiste, por um lado, na transformação do ambiente natural em ambiente cultural. O desígnio dos seres humanos é fazer cultura, usar suas potencialidades criadoras, exercitar seus dons da sabedoria e do intelecto. As pessoas recebem a liberdade de interferir no ambiente natural, transformando e modificando o que é simplesmente natural. Nisso reside uma das mais genuínas tarefas criadoras do ser humano: ser co-criador com Deus. Nós somos chamados a co-criar e a re-criar este mundo, mas com Deus. Dentro do projeto de modernidade, o "homem" foi adquirindo cada vez mais autonomia e relegando a sabedoria da criação divina para a função de "estepe". "O mundo moderno trouxe muita ciência, mas pouca sabedoria" (Hans Küng). Diante do caos ecológico e do colapso do projeto da modernidade importa esta sabedoria do projeto de vida do criador.

A vida na casa da criação é pautada pela liberdade. Somos livres para "cultivar", isto é, fazer uso de nossas faculdades intelectuais para "experimentar" a natureza da criação de Deus. Por outro lado, a tarefa responsável do ser humano implica também o "guardar", isto é, não destruir a natureza criada por Deus, mas sim, mantê-la em suas bases de sustentação, no seu próprio ciclo e ritmo de vida, nos seus eco-sistemas. A vida em liberdade na casa nos coloca diante de desafios

e limites. Por exemplo, na questão difícil da atual problemática da biogenética. Até que ponto o ser humano, fazendo valer a sua tarefa co-criadora através da "ciência experimental", pode avançar em suas pesquisas com animais e inclusive com seres humanos sob o pretexto de "prolongar" a vida? Até que ponto vai o limite do "guardar", isto é, preservar a vida da criação em suas próprias bases naturais de sustentação e não estabelecer bases artificiais? As eventuais novas possibilidades de vida justificam o sacrifício da vida criada por Deus?

Aquela criação original, que foi um ato de amor do próprio Deus, está hoje visivelmente ameaçada por uma crise eco-lógica. O "oikos", a casa, está em processo acelerado de destruição. Isso percebemos de diferentes formas, nos diversos lugares de nosso mundo e de nossa América Latina. Basta a gente ver as cloacas a céu aberto em torno dos grandes centros urbanos, em especial aqui na Baixada Fluminense. Ou basta cheirar o ar irrespirável em cidades como Rio ou São Paulo. Ou perceber a desertificação crescente, conseqüência do desmatamento em regiões como a Amazônia ou pelo cultivo monocultural no oeste do Paraná e no Rio Grande do Sul. Ou mais e mais áreas, que são contaminadas por produtos ou detritos industriais (contaminações químicas). Ou então a falta de uma relação sadia com um pedaço de terra próprio, que torna milhões de pessoas indiferentes com o meio-ambiente, com a "terra" da qual foram criados. Aglomerados irracionais nas grandes cidades, que correspondem aos vazios irracionais no campo. De fato, o envio divino de "encher a terra" ainda não se realizou. A terra está cativa de estruturas de poder de concentração. "Encher a terra" é libertá-la de suas amarras latifundiárias e concedê-la para o cultivo da vida, do alimento para as famílias, das grandes possibilidades de microvidas dentro de uma cultura diversificada e de rotação de culturas.

As expressões do pecado humano, da ruptura do equilíbrio entre os seres humanos e o meio-ambiente nos levam ao caos da antivida. O mandamento divino de "sujeitar e dominar" foi unilateralmente valorizado. O mandamento do "guardar e cultivar" foi extrapolado e suplantado por um domínio utilitarista e explorador. Entendendo-se como representante e "imagem" de Deus na terra, o ser humano colocou-se como dono e senhor da natureza e dos demais elos da criação, mesmo que para isso não tivesse autorização divina. Tudo passa a ser visto somente em função do "homem" (antropocentrismo) e a relação de solidariedade com a criação foi transformada numa relação do tipo explorador-explorado. Pela ação humana, a ordem original de Deus foi transformada em desordem. O projeto de vida foi transformado em vidas projetadas. Essa estrutura de pecado, porém, chama pelo juízo/julgamento de Deus na casa.

Em Gênesis 6–9 encontramos a fascinante história do "dilúvio". Trata-se de um julgamento de Deus sobre a casa comum. É um longo texto que tematiza a vida na casa ameaçada pela estrutura do pecado. Em Gênesis 6,5 e 11 lemos:

"Viu o Senhor que a maldade do homem era grande na terra,
e que era continuamente mau o desígnio de seu coração".
"A terra estava corrompida diante de Deus,
e cheia de violência".

A partir desta motivação, Deus anuncia o "dilúvio". O criador arrepende-se de sua obra criadora (Gênesis 6,7.13). O dado motivador para esta decisão é a violência institucionalizada e a perversidade do coração do homem. Um termo-chave para esta motivação divina é "hamás". Este termo aparece freqüentemente nos textos proféticos referindo-se à violência, à exploração e à rapina institucionalizada na sociedade (ver Amós 3,10; etc.). Em termos atuais significaria um projeto de antivida.

O texto de Gênesis 6–9 é uma grande composição[1]. Há uma correspondência entre 6,1-4 com 9,18-29. Igualmente estão em relação as partes 6,5-22 (decisão do dilúvio) com 8,20–9,17 (decisão e promessa divina de não repetir as águas). Em 7,1-16 fala-se da entrada na arca e a isso corresponde, em 8,1-19, a saída.

O texto de 7,17-24 forma o "coração" da composição. Aí se descreve a execução do arrependimento de Deus em relação à criação, da qual ele se regozija dizendo que era "bom", respectivamente "muito bom". O "dilúvio" é a negação da própria criação. A violência e a perversidade do coração levam a criação ao seu termo final. Esta práxis gera a crise, aproxima a catástrofe. Também hoje. O projeto moderno de apropriação e domínio utilitarista leva a casa aos seus limites. O nosso sistema é um projeto de não-vida para a criação: homem, animais e plantas gemem sob as amarras da ânsia insaciável do querer-ter-mais, do desenvolvimento quantitativo e linear, característico da modernidade.

Em meio a esse caos "moderno", Noé e sua casa despontam como exemplos de resistência e de esperança. São os elementos pelos quais Deus faz fluir o seu projeto de vida também para a casa em crise. A este Noé, crente, fiel, resistente, Deus confia a promessa da vida e da esperança:

> *"De tudo o que vive, de tudo o que é carne,*
> *farás entrar na arca dois de cada espécie, macho e fêmea,*
> *para os conservares em vida contigo"* (Gênesis 6,19).

A promessa da continuação da criação está em um "resto" mínimo. Esta será a forma de "guardar" a criação de Deus em sua própria base de sustentação. Ou, então, este projeto de vida está na plenitude simbólica, e aqui problemática, do número sete:

> *"De todos os animais puros, tomarás sete pares: o macho e a sua fêmea;*
> *mas dos animais impuros, um par: o macho e a sua fêmea"* (Gênesis 7,2).

Há divergências no texto quanto à "lotação" do projeto. Estas talvez se devam ao próprio fato de que o texto é fruto de um longo processo de formação e transmissão. Diversas tradições nele confluíram. O fio condutor, contudo, é a idéia da continuidade do projeto de vida através da prática da resistência e da preservação das espécies. Hoje, em termos quase pós-modernos, nós diríamos que a saída para a preservação e a continuidade do projeto da vida está no estilo alternativo

1. Aqui me valho de indicações de Milton SCHWANTES, *Projetos de Esperança, Meditações sobre Gênesis 1–11*, Petrópolis, Vozes/CEDI/Sinodal, 1989, 39-40.

de viver. Importa descobrir uma nova espiritualidade, levar formas de vida mais simples, enfim, buscar uma práxis que consiga frear ou até reverter a caminhada frenética da vida projetada rumo aos sacrifícios animais e humanos no altar da ciência experimental, da violência e da devastação.

Um "resto" fiel, perseverante ajuda o criador a manter a casa. Noé é um ecologista. Diante da catástrofe iminente, deixa-se envolver no projeto de vida do Deus criador. Dá passos concretos. Constrói a arca, delimita "áreas de preservação ecológica". Atua como co-mantenedor. Exerce seu papel de co-responsável pela comunidade da criação. A casa, a família, ou cooperativa familiar de Noé é um espaço de resistência contra a catástrofe que se avizinha.

Em meio ao medo e ao pânico do "fim do mundo", a teimosia noádica é cativante. "Se o mundo terminasse amanhã, ainda hoje eu plantaria uma árvore" (Martinho Lutero).

A saída, o projeto de esperança desta grande composição, deste grande "contra-conto", está no arrependimento de Deus em fazer a vida da casa se afogar no "dilúvio". Deus se arrepende da sua decisão anterior de trazer um "fim" para a criação:

> *"Estabeleço minha aliança com vocês:*
> *tudo o que existe não será mais destruído pelas águas do dilúvio;*
> *não haverá mais dilúvio para devastar a terra"* (Gênesis 9,11).

Aqui desponta novamente o projeto de vida de Deus. Em meio ao cinzento do mundo poluído, o verde da esperança e o vigor da vida despontam fortes. É verdade, porém: após esta decisão de Deus de manter para sempre uma aliança com a criação, problemas continuam a existir. Nem o desígnio do coração foi mudado. A conscientização ecológica dos problemas comuns da casa comum não muda radicalmente o "homem". Continua escravo de suas ambigüidades e contradições. Até violência contra animais (Gênesis 9,2-4) e inclusive contra pessoas continua a haver (9,6). A dominação continua a existir. "Povoai a terra e dominai-a" (9,7). Nem poderia ser diferente. Afinal, a técnica, a indústria precisa transformar e "produzir o sapato e o casaco que vestem milhares de trabalhadores" (Rosa Luxemburgo). A maior contradição do ser humano é ter que interferir continuadamente no meio-ambiente para garantir o seu próprio sustento.

Mas, a partir do texto, uma coisa muda substancialmente. Deus mantém a sua fidelidade e a sua aliança com a criação. O mundo não terá fim. Não pela violência nem por causa da maldade do coração. A criação poderá, sim, ter fim. Mas isto, então, será por decisão do criador.

O texto, pois, de Gênesis 6–9 nos convida para olhar para a figura de Noé. Em meio à crise, ao medo e ao terror, ele é apontado como exemplo de caminhada. Apresenta três critérios proféticos para o agir: justiça, integridade e andar com Deus.

> *"O que é que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça,*
> *ames a misericórdia e andes humildemente com o teu Deus?".*

Assim nos dizem as palavras de Miquéias 6,8. O projeto de vida da casa é um projeto conjunto de Deus e do ser humano. A ambos cabe a responsabilidade.

Relembremos algumas descobertas:

– Na casa da criação, Deus colocou o ser humano para "cuidar e guardar". Isso dá liberdade para a cultura, mas desafia para a preservação.

– A liberdade que Deus dá ao homem para cultivar leva à violência e à perversão do coração. Projetos humanos transformam a vida plena em vidas projetadas.

– O projeto humano pode levar a casa e criação à crise e ao limite da sua existência.

– Deus, porém, mantém a sua aliança e tira o medo do fim iminente.

– Noé é apresentado como o modelo de resistência em meio à crise. Um "resto" é o portador e o porta-voz do projeto de vida do Deus criador.

3. A VIDA DO PECADOR (Gênesis 4)

A história de Caim e Abel é uma narração surpreendente. O seu fio condutor é dado pelas indicações genealógicas.

A história, sem dúvida, está escrita desde a perspectiva de Abel, isto é, a partir da ótica dos grupos peregrinos e migrantes, que vivem e sobrevivem nas áreas desérticas e periféricas de Israel. O deserto é projetado como um espaço de resistência e vida[2]. Neste sentido, Gênesis 4 é um escrito tendencioso e como tal intrigante.

Para mim, a questão mais intrigante é a pergunta por que Deus rejeita a oferta de Caim. Nisso, sem dúvida alguma, estou na companhia de muitos que já levantaram esta pergunta. Afinal, a rejeição da oferta de Caim é o ponto de partida para toda a trama da narração. O ritmo do texto é acelerado para chegar a este ponto. Após breve indicação genealógica, continua apontando para as ocupações distintas dos dois irmãos:

> *"Abel tornou-se pastor de ovelhas,*
> *e Caim cultivador de roça"* (v. 2).

Aqui se aponta para algo comum na vida dos israelitas. Duas atividades distintas, porém integradas dentro de uma economia agrária como a do Israel antigo. Pastor de ovelhas e lavrador por vezes têm seus conflitos. Especialmente narrações dos tempos antigos falam de tais tensões (ver por exemplo Números 21,21-23). Mas, por outro lado, pode-se deduzir uma coexistência quase "natural" até dentro da mesma família, como parece ser o caso na família de Jessé, onde os sete irmãos, provavelmente lavradores, convivem com Davi que "pastoreia ovelhas" (1Sm 16,11). Há tensões, mas talvez seria exagerado falar de uma contradição básica entre as duas atividades[3].

2. Sobre isso SCHWANTES, *Projetos de Esperança*, 53s.

Assim surpreende e intriga por que em Gênesis 4,3-4 se fala da rejeição da oferta de Caim:

> *"E aconteceu que ao fim de um tempo fez entrar Caim dos frutos da roça*
> *uma oferta para o Senhor/Javé;*
> *e Abel fez entrar também ele das primícias das ovelhas,*
> *e da gordura do rebanho".*

À primeira vista, bem como em si, ambos ofertaram do melhor de sua atividade. Caim trouxe um "presente", uma oferta (hebraico: *minhá*). Trata-se aí de oferta qualificada, boa, exuberante. É uma amostra do melhor dos frutos da roça. Abel, por sua vez, trouxe "das primícias" das ovelhas e da gordura destas, isto é, fez entrar para o sacrifício alguma ou algumas ovelhas primogênitas do seu rebanho. Não é dito que trouxe "as primícias", mas "*das* primícias" (v. 4). Ambos, pois, trouxeram ofertas qualificadas, cada qual de sua ocupação específica. Inclusive, no versículo seguinte, a oferta de Abel é designada com o mesmo termo que a de Caim: *minhá*, em hebraico. Tanto mais surpreende a seqüência da narração:

> *"E olhou o Senhor/Javé para Abel e para a oferta dele,*
> *e para Caim e para a sua oferta não olhou"* (v. 4b-5a).

Aí está dado o ponto crucial do conflito. Por que a decisão diferente de Javé? Existem, na pesquisa, algumas tentativas de responder a este questionamento. Vejamos:

– Alguns entendem que o problema reside no "conflito que havia entre duas classes". O problema estaria na atividade distinta de Caim e Abel, isto é, na sua "divisão do trabalho". O conflito, portanto, estaria no uso diferente da terra (pastoreio X cultivo). E o texto estaria apontando para a identificação de Javé com os pastores, pois estes são uma "classe sem terra".[4]

– Outros defendem que por trás do texto estaria um conflito pela origem étnica, cultural e até cultual dos dois personagens. Tratar-se-ia de um conflito entre povos distintos e da inclinação de Javé por um e por outro. No contexto da discussão da "hipótese quenita" (descendentes de Caim) busca-se até identificar em nosso texto formas anteriores da adoração de Javé entre os quenitas[5].

– Ainda outros pensam que o problema estaria na natureza do próprio ato do sacrifício. "Caim não traz mais, porque de fato pouco lhe sobrou. (...) Sobrou-lhe o usual" [6]. Mas também isso não parece satisfazer, pois, a partir da terminologia, ambas as ofertas são bem qualificadas, pela sua natureza, fartura e retidão.

3. Assim Gunter WOLFF, "A história entre o pastor Abel e o agricultor Caim (Gn 4,1-16)", em *Clamores*, Estudos bíblicos, Maravilha/SC, 1982, 11-19.

4. WOLFF, p. 18.

5. Ver sobre isso no comentário de Claus WESTERMANN, *Gênesis (1–11)*, Neukirchen, 1977, 386s.

6. SCHWANTES, *Projetos de Esperança*, 59.

Nos limites destes ensaios, gostaria de apontar noutra direção. Ao meu ver, a narração de Gênesis 4 reflete o impacto da profecia radical do 8º século. É verdade que o fio condutor das genealogias ajuda a dar a impressão de se tratar de um texto muito antigo. Mas, pelo conteúdo, parece-me haver aqui discussão com e a partir da crítica radical dos profetas contra a prática do culto sacrificial como manto acobertador das injustiças sociais. Proponho, pois, ler a decisão de Javé contra Caim a partir da crítica religiosa por exemplo de um profeta como Amós.

Penso aí em textos como Amós 4,4-5 e 5,21-23. No primeiro, trata-se de um trecho onde Amós parodia/imita um sacerdote, convocando o povo para "fazer entrar" as suas ofertas sacrificiais nos templos de Betel e de Guilgal. Na visão profética, isso é qualificado como pecado e transgressão. No segundo texto, criticam-se as práticas sacrificiais e cultuais instituídas pelos sacerdotes. Aí, pela lógica do texto, o profeta Amós toma a perspectiva do dirigente do culto e, como porta-voz de Javé, nega e rejeita tais práticas. A aceitação ou rejeição de "olhar" o sacrifício faz parte da tarefa específica do sacerdote. Ele o faz em nome de Javé e comunica ao israelita a decisão divina. Em Amós 5,21-23, tal decisão é negativa. Javé faz saber que ele "odeia" e "detesta" a fartura do culto sacrificial fomentado nos santuários oficiais. Ele não mais pode "olhar/ver" tais práticas. Dá nojo! Pois através delas procura-se acobertar a injustiça social reinante. Ao invés do sacrifício, reivindica-se a justiça social (ver Amós 5,24) para que a vida possa fluir.

A partir deste pano-de-fundo proponho entender a rejeição de Javé em relação à oferta de Caim. É verdade que no texto de Gênesis 4 não consta uma comunicação formal da rejeição. Até é uma incógnita como Caim fica sabendo da não-aceitação. Tento, pois, entender que a oferta de Caim é de fartura, é exuberante na sua qualidade. Faz reluzir a sua produção e riqueza. Mas não é qualificada na sua intenção. Por isso Javé não "olha para ela". Isso procuro deduzir da seqüência do texto:

"Irou-se, pois, sobremaneira Caim e descaiu-lhe o semblante" (v. 5b).

Aí começa o desenlace do impasse criado pelo próprio Javé. A crítica suscita a raiva. A "excomunhão" recrudesce os sentimentos.

O diálogo seguinte de Javé com Caim é esclarecedor quanto à situação deste:

"Por que andas irado?
E por que caiu o teu rosto?
Se procederes bem, não é certo que serás aceito?
Se procederes mal, eis que o pecado jaz à porta" (v. 7)

A não-aceitação de Caim tem a ver com a sua práxis, com o seu agir. Perante Javé, Caim é um pecador, um ímpio, um injusto. Em que consiste o seu "mal"? Será que não reside em alguma prática exploradora tão denunciada pela profecia? Não seria ele um dos freqüentadores regulares dos cultos sacrificiais denunciados e condenados por Amós como "pecado"? Sugiro ler o conflito a partir daí. E aí, sim, o conflito pastores seminômades e agricultores pode ter sido um campo concreto do "pecado social" de Caim. A rejeição da oferta de Caim tem aí a sua origem. A recente profecia do 8º século fornece os critérios para este discernimento. Mas

Caim não se deixa intimidar. Não consegue dominar o pecado. Vai aos extremos do assassinato, do derramamento do sangue de um "justo".

Na condição de assassino, Caim é réu de morte. Os profetas de Israel têm uma longa lista de "condenações". Praticamente todos os dirigentes, tanto de Israel quanto de Judá, são acusados de derramento de sangue (ver Miquéias 3,10; Jeremias 22,13-19; Habacuque 2,25 etc.). Na perspectiva dos profetas, a morte é a sua sentença. Mas com Caim é diferente. Ele é colocado sob a proteção de Javé. Aí, ao meu ver, continua a discussão com a profecia. Não a morte projetada do pecador, mas a vida do pecador é o projeto de Deus (ver a respeito Ezequiel 18,21-23). Mostra-se aí uma longanimidade do amor de Deus pela vida. Até o assassino está sob a sua guarda. Ele diz "não!" à pena de morte. Deve haver uma chance para a vida. No caso de Caim, a sua chance é ter que assumir a condição de perseguido, viver na periferia. Interessante este projeto de vida!

4. A VIDA NA DIVERSIDADE (Gênesis 11,1-9)

As tendências modernas da globalização da economia e da vida nos ajudam a lançar questionamentos a Gênesis 11. Afinal, domínio e uniformidade da língua e da cultura são os projetos contestados neste texto. E em nossos dias, com a criação dos novos "mercados comuns" busca-se uma hegemonia e um domínio para "tornar grande o nome".

Gênesis 11,1-9 tem ares de um texto universalizante. Nisso até combina com os demais textos das "histórias de origem". Quer ser uma explicação para a existência da diversidade lingüística. A dispersão seria conseqüência do pecado humano em geral. Assim nos diz a interpretação usual. É possível, porém, ler o texto em outra perspectiva. Vejamos

O texto inicia fazendo uma constatação genérica:

"em toda a terra havia apenas uma linguagem
e uma só maneira de falar" (v. 1)

A seguir, no v. 2, vincula-se essa uniformidade lingüística e cultural com um projeto de edificação na planície (o nome "Senaar", no v. 2, e "Babel", no v. 9, provavelmente foram inseridos posteriormente!).

O v. 3 se detém em descrever as técnicas modernas da construção: tijolos queimados e betume. São exemplos da tecnologia avançada utilizada sobretudo na construção de cidades-estados nas planícies de Canaã. Não se trata do modo israelita-camponês de fazer suas edificações. Tem a ver com projetos faraônicos.

Gênesis 11,4 leva a parte inicial do texto ao seu apogeu. Desvenda os interesses dos construtores:

[1] *"Vinde e edifiquemos* para nós *uma* cidade,
[2] *e uma* torre, *cujo topo chegue aos céus,*
[3] *e tornemos célebre o* nosso nome,
[4] *para que não sejamos espalhados por toda a terra".*

O projeto é a edificação de cidade e torre. Essa é a questão central de Gênesis 11,1-9: a "cidade e a torre"[7]. A cidade será "para nós"? Quem é este "nós"? E a torre deverá chegar até os céus. Tudo isso para tornar célebre o "nosso nome". Quem é? Tornar célebre um nome tem a ver com expansão de interesses da realeza. Essas três características juntas indicam claramente no sentido de um projeto de domínio urbano-estatal. O "nós" haveremos de interpretar como sendo um coletivo de dominantes intrinsecamente relacionados ao projeto da cidade. A torre evidencia a tonalidade militarista do projeto. A glória pretendida não é a glória do povo, mas a glória dos dominantes.

Quando o texto termina de enunciar esses projetos triunfalistas, dá-se uma "virada" no texto. Javé aparece em cena. Aparece como uma força inspecionadora e crítica. Ele continuará sendo o protagonista até o final do conto-texto.

A menção da aparição de Javé já traz o gosto de uma ironia. Porque ele teve que "descer" dos céus para "ver/enxergar" o que estava sendo construído. "Para Javé, o projeto militar-imperialista realmente é miseravelmente pequeno e insignificante"[8]. Nem a torre "até os céus" consegue chegar perto de Deus.

A primeira constatação problemática que Javé faz na sua "inspeção" está vinculada com a "unidade" do povo:

"o povo é um, e todos têm a mesma linguagem" (v. 6).

O que deveria ser motivo de honra e glória: a unidade, justamente isto é avaliado negativamente. Aqui parece não se tratar de uma unidade nacionalista, conquistada à base de patriotismo e luta. Antes parece tratar-se da uniformidade imposta pelos dominadores. "O povo é um" quer dizer: o povo está subjugado e dominado. Daí advém a negatividade do juízo divino. A dominação nega a vida.

Esta unidade-uniformidade é avaliada negativamente não somente em si, mas também como pressuposto e possibilidade para outros projetos:

"isso é apenas o começo:
agora não haverá restrição para tudo o que eles intentam fazer" (v. 6).

A unidade imposta fragiliza o povo. Permite múltiplos desmandos.

Por isso, a diversidade e a pluralidade são apresentadas como portadoras de projetos de vida. Em Gênesis 11,7-8 segue-se a solene decisão divina de "confundir" a linguagem e de dispersar os protagonistas do projeto da cidade e da torre. Javé intervém historicamente para recriar a vida em meio ao juízo.

Por trás deste texto devem estar a memória e as experiências de israelitas camponeses e aldeãos, constantemente dominados e assolados pelas exigências da capital-cidade-Estado, seja pela entrega de tributos, seja pela reivindicação de

7. Ver o importante estudo de Milton SCHWANTES, "A cidade e a torre", em *Estudos Teológicos* 21, São Leopoldo, 1981, 75-106, e sua cativante reflexão sobre o texto em IDEM, *Projetos de Esperança*, 63-71.

8. SCHWANTES, *Projetos de Esperança*, 69.

trabalhos forçados nas obras (ver a respeito: Miqueías 3,3-4+10; Jeremias 22,13-19).

Teologicamente, haveremos de estar aqui nas imediações da profecia radical do 8º século, ou na senda desta. Javé é apresentado (se apresenta) como um Deus antagônico à "cidade e à torre" e, pelo reverso, um Deus comprometido com o mundo diversificado da roça e do interior, com suas idiossincrasias na linguagem e na cultura. Visto assim, o texto de Gênesis 11,1-9 é um "conto anticitadino e antimilitarista"[9].

O projeto dos articuladores do texto é a memória e o vislumbre da vida na diversidade. As diferenças de linguagem e cultura dificultam a dominação; favorecem a resistência contra um projeto globalizador e opressor. Funcionam como um freio para projetos totalitaristas. Neste sentido, Gênesis 11,1-9 é uma defesa da diversidade. A partir da ótica dos dominados, a dispersão e a "confusão" da linguagem não são experimentadas como castigo, mas como possibilidade de vida. A vida está no multicor; a vida está na multimistura; a vida está nos pequenos espaços culturais; a vida está na diversidade de culturas, está nas microvidas dos minifúndios e não na monotonia do latifúndio; a vida está onde pessoas podem viver a sua vida com sentido e dignidade. Vida na diversidade.

5. A VIDA COM DESCANSO (Gênesis 2,1-4)

Como é reconfortante um tempo de descanso após uma jornada de trabalho! Tanto faz se no final de semana ou num feriado! É reconfortante.

O sétimo dia da criação é um projeto de vida do Criador. Foi concebido para descanso. O Criador descansou "de toda obra que tinha feito". E marcou este dia com algo especial: a bênção.

"E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou;
porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, fizera".

Após concluir a sua criação, Deus não abençoa ou santifica algum lugar ou criatura em especial. Não! ele abençoa um tempo determinado: o tempo de descanso. Isso talvez seja um dos marcos constitutivos e distintivos da fé de Israel. Enquanto outras religiões têm um lugar santo, Israel e nós temos um tempo abençoado. É o tempo de interromper toda a obra criadora. O dia de descanso é uma pretendida interrupção no ritmo criador e transformador.

O tempo de descanso é um projeto de vida do Criador para si e para toda a criação. É um tempo abençoado que encarna sobretudo a ótica dos pobres e da criação que geme sob o ritmo da atividade criadora do ser humano. As leis referentes ao "sábado" sempre incluem os fracos e dependentes. A versão mais detalhada encontramos no terceiro mandamento do decálogo deuteronômico (Deuterômio 5,12-15). Aí faz-se referência ao criador (v. 12) e aplica-se o mandamento a si próprio (v. 13). Após isso, incluem-se todas as categorias afetadas pelo processo

9. IDEM, 68.

produtivo: filhos e filhas, servos e servas, animais, e migrantes/estrangeiros (v. 14).[10] O descanso do criador fundamenta também a libertação de escravos e escravas (Êxodo 21,1-11) bem como descanso da terra (Êxodo 23,10-11).

O tempo de descanso é um tempo que possibilita, embora só por um ínterim, a paz com o criador e com as criaturas. Esta paz não abarca somente "a alma, mas também o corpo, não só os indivíduos, mas também a família e o povo, não somente as pessoas, mas também os animais, não só os seres vivos, mas... também toda a criação do céu e da terra"[11]. Este é o projeto de vida mais abrangente em Gênesis 1–11. O tempo de descanso antecipa no tempo um tempo do Reino de Deus.

Haroldo Reimer
Alameda Alcides, 102
24230-120 Niterói/RJ
Tel. (021) 711-2504

10. Ver também Êxodo 20,8-11; Êxodo 34,21; Êxodo 23,12-13.

11. Jürgen MOLTMANN, *Deus na Criação. Doutrina ecológica da criação*, Petrópolis, Vozes, 1993, 395.